



Objectotem e a descoberta de um novo mundo poético

Objectotem and the Discovery of a New Poetic World

Franklin Larrubia Valverde

Centro Universitário Estácio, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

ondalatina.1@gmail.com

Resumo: Este artigo traz um relato pessoal sobre o meu despertar para a poesia concreta e experimental depois de assistir a uma aula em meu curso de graduação na qual foi analisado o poema “Objectotem” de E. M. de Melo e Castro. Nele abordo também a importância da obra desse poeta português. Essas reflexões foram apresentadas de forma abreviada no colóquio Pensar a Palavra-Experiência: Homenagem a E. M. de Melo e Castro, realizado em outubro de 2019, na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, campus Guarulhos.

Palavras-chave: poesia concreta, poesia experimental, Melo e Castro.

Abstract: Report of the awakening of poet Franklin Valverde for concrete and experimental poetry after a class in which the poem “Objectotem” by E. M. de Melo e Castro was analyzed, as well as the importance of the work of the Portuguese poet. Presented at the Think the Word-Experience: Tribute to E. M. de Melo e Castro, held in October 2019, at the Federal University of São Paulo - UNIFESP, Guarulhos campus.

Keywords: concrete poetry, experimental poetry, Melo e Castro.

Introdução

Este artigo é o relato pessoal de meu percurso poético, desde o seu início até o despertar para a produção de uma poesia comprometida com os caminhos da experimentação, cujo *start* foi dado pela análise de um poema de autoria de E. M. de Melo e Castro. Começo descrevendo esse momento, em seguida abordo alguns poemas do poeta português e finalizo apresentando uma homenagem que lhe prestei recentemente,

retomando a obra “Objectotem”. Este conteúdo foi apresentado como palestra no colóquio *Pensar a Palavra-Experiência: Homenagem a E. M. de Melo e Castro*, realizado em outubro de 2019, na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, campus Guarulhos.

Começo descrevendo a experiência.

O que era a poesia

Meu primeiro contato com o universo poético ocorreu, como acontece com a maioria dos estudantes do ensino fundamental e médio, com a poesia versificada, rimada e metrificada, que seguia os cânones de uma produção tida como mais conservadora. Embora considere que esse contato dos estudantes com a linguagem poética seja importante e fundamental para um conhecimento basilar sobre a história da poesia e para conhecimento da evolução poética, pontuo que não se avançava para outras experiências literárias e, quando muito, chegavam aos versos livres do modernismo brasileiro com Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade.

Acredito que minha experiência, já bem distante no tempo e circunscrita a um momento histórico muito diferente, continua ainda sendo a de muitos estudantes da atualidade, apesar de a chamada poesia mais experimental ou, como é chamada por alguns, de vanguarda, cada vez mais ganhe espaço não só nas salas de aula, mas também nas discussões literárias e produções acadêmicas dos mais diferentes tipos e níveis, desde a graduação passando pelas dissertações de mestrado e teses de doutorado.

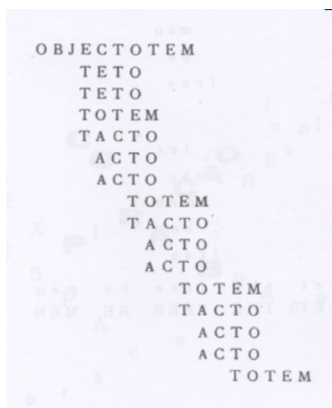
Uma epifania

Há alguns momentos na vida de todos nós que são reveladores, que do nada ou de um pequeno movimento ou atitude nos revelam uma nova perspectiva, que tem o poder de nos mostrar um novo caminho em nosso percurso. Esses momentos são verdadeiras epifanias. E foi isso que aconteceu comigo em uma aula de minha graduação em jornalismo, em 1979, ministrada pelo professor José Roberto – cujo sobrenome infelizmente não recordo – para os cursos de Português e Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nessa aula foi analisado o poema “Objectotem” (FIGURA 1) de E. M. de Melo e Castro,

poeta português nascido em Covilhã, em 1932, e o maior expoente do concretismo em Portugal.

Até aquele momento, embora soubesse da existência da poesia concreta, não tinha elementos para entendê-la e muito menos apreciá-la em todas as suas possibilidades e magnitude. A análise feita de “Objectotem” me mostrou não só um novo caminho para apreciar a poesia, como também despertou o poeta que eu era, inaugurando uma nova estrada criativa na qual trafego até hoje em plena produção. Ver o poema como um “objeto”, graficamente construído como um “totem”, que também era produto de um “acto” e que construído pelo “tacto”, erguia-se e chegava ao “teto”, constituindo-se em um totem e novamente resultando em um objeto faz com que tenhamos um universo de interpretações e me deu uma outra dimensão para poesia.

FIGURA 1 – Poema Objectotem de E. M. de Melo e Castro



Fonte: Melo e Castro (1994).

Caminhos poéticos

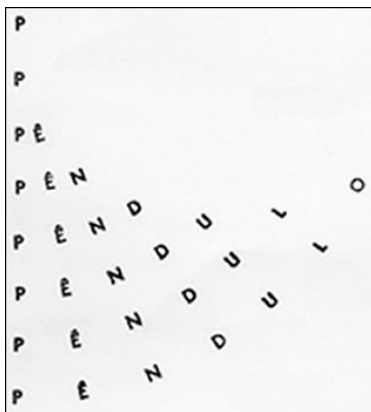
Esse foi meu primeiro encontro com a obra do poeta E. M. de Melo e Castro quem desde então não mais deixei de acompanhar e seguir.¹ A obra do poeta, além de imensa, é extremamente rica e plural.

¹ Vale registrar que o nosso primeiro encontro pessoal se deu através de um amigo em comum, o poeta Philadelpho Menezes, na própria Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aqui destacarei algumas obras que servem para demonstrar toda sua genialidade.

De seus inúmeros livros, inicio com *Visão visual* (1994) no qual se encontra o poema “Pêndulo” (FIGURA 2) que, dentro do universo da poesia concreta, apresenta a mesma capacidade de síntese que o poema “Velocidade” de Ronaldo Azeredo. Nele, em uma palavra, aliada à disposição gráfica na página, o autor consegue transmitir semanticamente todo o seu sentido na forma como “Velocidade”, a palavra, decola da página. Em “Pêndulo” vemos o mesmo princípio do poema citado, pois o movimento pendular da palavra traduz graficamente o significado de um pêndulo em ação.

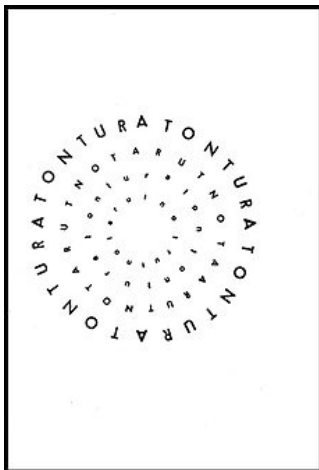
FIGURA 2 – Poema Pêndulo de E. M. de Melo e Castro



Fonte: Melo e Castro (1994).

Já em *Antologia Efêmera* (2000) podemos destacar o poema “Tontura” (FIGURA 3), obra que não se contenta só em demonstrar graficamente os efeitos do seu significado semântico, mas também se transforma em motor indutor da própria tontura de quem mergulha nesse poema de forma desarmada. Sua leitura, se feita de uma maneira bastante rápida, em sentido horário e anti-horário ao mesmo tempo, é capaz de induzir o leitor a sentir a própria tontura. É uma obra que convida a uma “perigosa” interação.

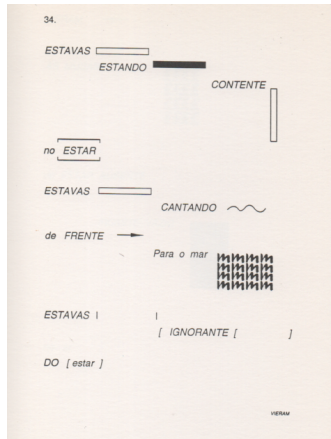
FIGURA 3 – Poema Tontura de E. M. de Melo e Castro



Fonte: Melo e Castro (2000).

A criatividade de E. M. de Melo e Castro também está desperta em *Enquanto [] [] Jactos [] e Hiatos: poemas* (1994), uma obra produzida pela COM-ARTE, editora do Laboratório do curso de Produção Editorial da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A edição é rica em detalhes, mesclando palavras, desenhos e símbolos, incorporando os espaços em branco com uma maestria encontrada em poucos poetas. Esse texto (FIGURA 4) se desdobra em “jactos” e se recompõe em “hiatos” narrativos que apresentam criativos caminhos de leitura e apontam para inúmeras interpretações.

FIGURA 4 – Trecho de *Enquanto [] [] Jactos [] e Hiatos:*
poemas de E.M. de Melo e Castro

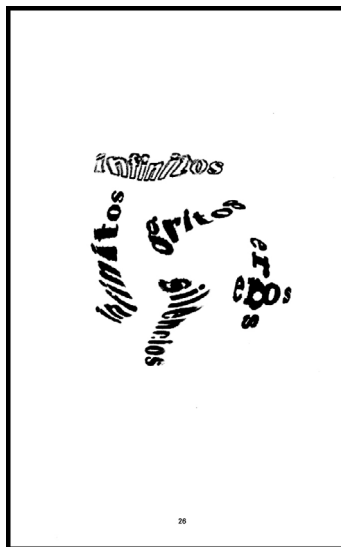


Fonte: Melo e Castro (1994).

A obra recupera a essência da poesia concreta, pois “começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutural”, conduzindo a narrativa por um espaço qualificado, ao invés de um “desenvolvimento meramente temporístico-linear” (CAMPOS, PIGNATARI, CAMPOS, 1975).

O espírito criativo de Melo e Castro está sempre aberto para experimentações, buscando novos caminhos na produção poética, traduzindo sua inventividade em obras extremamente inovadoras. Esse é o caso de *Algorritmos: infopoemas* (1998), um livro de poemas nos quais o autor utiliza as estruturas e os recursos computacionais para formar a poesia como é o exemplo do poema “Eros 1” (FIGURA 5).

FIGURA 5 – Poema Eros 1 de E. M. de Melo e Castro



Fonte: Melo e Castro (1998).

Melo e Castro define essa série de infopoemas desta forma:

A infopoesia, os infopoemas, ao atingirem graus de complexidade estrutural e perceptiva de outro modo impossíveis de alcançar, são, muito provavelmente, uma outra coisa que nada tem a ver com a poesia como ela é convencionalmente entendida. É que o nó da questão não está na poesia mas na poeticidade inventiva que agora se representa como uma virtualização da virtualização, o que pode tornar-se num ponto de não retorno para a própria percepção do poético, uma vez que as imagens são luz e a luz branca é a síntese total. (1998, p. 19)

Em *Algoritmos: infopoemas* (1998) os poemas não se bastam na função poética, adentrando pelo caminho das artes plásticas, dando como resultado imagens que dialogam com o abstrato assim com uma espécie de geometrismo.

Surpresa: a prosa

Merece também registro uma inclusão feita por Melo e Castro na prosa em um conto fantástico escrito em plena ditadura salazarista, cuja construção trabalha magistralmente duas narrativas em paralelo. Trata-se de *Eu índice N* (2012) no qual, segundo o autor, “em muitas coisas me parece ter uma componente de antecipação e até de premonição”, pois a obra foi escrita há mais de 50 anos, “num tempo em que não se conheciam as aplicações de um código digital nem se considerava a existência de ciborgues”. Esse texto, em uma primeira leitura aponta até para um mundo distópico, mas na verdade era uma crítica à dura realidade portuguesa, aprisionada pela ditadura de António de Oliveira Salazar.

Ainda, mesmo que seja a título de documentação, devemos falar sobre o livro *15 ODES OCAS* (2013), publicado em Portugal. Segundo Preto (2013), as Odes põem a nu “os paradoxos e contradições do nosso tempo e das suas representações, acertando com um tiro certo na banalidade do presente”. A obra, graficamente, apresenta dois furos que perpassam todas as suas páginas, como se ela tivesse recebido tiros ou, simplesmente, demonstrando claramente o oco das odes. Melo e Castro sintetiza essa obra como sendo “textos de escárnio e mal dizer, de intervenção, denúncia, contestação e crítica” (MELO E CASTRO, 2013).

A experimentação

A experimentação utilizada por E. M. de Melo e Castro sempre foi para mim um grande exemplo e, de certa forma, um incentivo para me arriscar em minha criatividade na busca por novos caminhos de expressão poética. Esse foi o caso de minhas incursões pelos poemas-objeto. Dentro dessa seara organizei e ministrei, na Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, três oficinas: “Poema-Objeto: quando a poesia foge do papel” (2014), “Poema-Objeto: o encontro do design com a poesia” (2018) e “Páginas Abertas: Poema-Objeto” (2019). Em uma delas utilizei como fonte de inspiração o poema “Objectotem”, de Melo e Castro, para criar o poema-objeto “Gambiarra Totem”, visto na Figura 6.²

² No colóquio *Pensar a Palavra-Experiência: Homenagem a E. M. de Melo e Castro* o poeta foi presenteado com essa réplica.

FIGURA 6 – Poema-objeto Gambiarra de Franklin Valverde



Fonte: do autor (2019).

Essa foi, ao mesmo tempo, uma forma de homenagear o poeta e de resgatar a obra que me inspirou pelos caminhos da experimentação.

Considerações finais

No final de 2016 e início de 2017 celebramos os 60 anos da Poesia Concreta, período no qual ocorreram inúmeros eventos para comemorar e avaliar a importância desse movimento poético que transformou definitivamente a cena da poesia não só brasileira como mundial. Um dos de maior destaque foi *As ideias concretas – poesia 60 anos adiante*, exposição realizada na Casa das Rosas entre 02 de dezembro de 2016 e 28 de fevereiro de 2017, com curadoria de Julio Mendonça e Reynaldo Damazio. Esse evento reuniu as obras dos principais poetas concretistas da geração fundadora como Augusto de Campos, Décio Pignatari,

Haroldo de Campos, Ronaldo Azeredo, E. M. de Melo e Castro, Pedro Xisto e alguns poetas das novas gerações, que receberam influências desses artistas fundadores, entre os quais me encontro. Ser incluído na exposição foi um momento muito importante para mim, pois pude compartilhar o mesmo espaço com os meus mestres.

Hoje fico imaginando e valorizando esses momentos epifânicos, como aquela longínqua aula no final dos anos setenta na qual conheci “Objectotem”. Se, por um acaso do destino tivesse faltado, o que eu seria hoje?

Referências

CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. *Teoria da poesia concreta*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

MELO E CASTRO, E. M. *15 ODES OCAS*. Guimarães: Pé de Mosca, 2013.

MELO E CASTRO, E. M. *Algorritimos: infopoemas*. São Paulo: Musa, 1998.

MELO E CASTRO, E. M. *Antologia efêmera*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

MELO E CASTRO, E. M. *Enquanto [] [] Jactos [] e Hiatos: poemas*. São Paulo: COM-ARTE, 1994.

MELO E CASTRO, E. M. *Eu índice N*. São Paulo: Lume Editor, 2012.

MELO E CASTRO, E. M. *Visão visual*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

PRETO, A. Prefácio. In: MELO E CASTRO, E. M. *15 ODES OCAS*. Guimarães: Pé de Mosca, 2013.

Recebido em: 15 de dezembro de 2019.

Aprovado em: 14 de fevereiro de 2020.